o verde-oliva

Gabinete do Ministro do Exército
Assessoria de Relações Públicas

Brasília, 8 de maio de 1979
nº 38

8 de Maio
DIA DA VITÓRIA

"Há trinta e quatro anos, a vitória sorria para as Forças Aliadas que acabavam de derrotar o inimigo nazista, poderoso, implacável e totalitário. Entre as tropas vitoriosas, incluía-se a 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária — Força Expedicionária Brasileira — que tantas páginas de glória escreveu nos campos de batalha italianos. Aos heróicos integrantes da FEB, a nossa homenagem respeitosa, o nosso preito de admiração e reconhecimento e a certeza de que o seu sacrifício não foi em vão. O esforço de guerra desenvolvido por toda a Nação brasileira reafirmou a vontade nacional, o patriotismo e a determinação de um povo jovem e resoluto quanto à construção do seu grandioso destino."

Gen Ex WALTER PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE
Ministro do Exército



DIA DA VITÓRIA


Patrulheiros em ação, na "Terra de ninguém"


Os soldados e os uniformes especiais para a neve


O CRUZEIRO do SUL

O Cruzeiro do Sul — tablóide da FEB, precursor do "O Verde-Oliva"


Os chefes e os homens


O Serviço de Saúde em ação

Hoje, no cumprimento de um dever cívico e no simbolismo do culto prestante, volvemos os olhos para bem longe, para onde ecoam vozes e passos, em meditação silenciosa e reverente no reencontro dos magnos exemplos e dos eternos ideais.

Criamos, em nós mesmos, nesta ocasião, a visão reflexiva dos momentos passados e, pouco a pouco, vislumbramos, altaneiros e dignificantes, homens afeitos à glória e ao destemor; ações marcantes de decisões e sofrimentos; exemplos magnificentes de patriotismo e fraternidade.

Homens portadores de mensagens imorredouras porque, frutificando no espírito cívico, alimentaram gerações.

Reconhecidos pela luz que irradiam e revividos pela força que transmitem, chegam até nós, nimbados de feitos gloriosos e de fatos sobrelevados, os heróis de nossa sensibilidade patriótica; aqueles que percorreram caminhos sem transvios, na esperança única da realização de seus altos intentos, conferindo, aos contemporâneos, a força engrandecedora da decisão audaz e, aos pósteros, a significativa apreciação do sublime sacrifício.

Reencontramo-nos pela aspiração e pelo espírito: aspiração que sublima e extasia, porque é ideal comum; espírito que enleva e transmuta, porque é força do mais puro sentimento cívico.

É necessário o alarde consciente dos épicos momentos vividos por brasileiros em terras longínquas.

É preciso que cheguem mais arautos anunciando as vitórias dos esforços dos bravos.

É forçoso reconhecer, em sã consciência, o papel significativo que nossos irmãos desempenharam em defesa do mundo livre.

Do pouco que tínhamos a oferecer, formamos um grupo guerreiro que, embora não portasse modernas máquinas bélicas, levou consigo um ideal traçado nos mais lídimos sentimentos de nosso povo.

Quando centenas de brasileiros sucumbiram inocentemente no torpedeamento de navios, ao longo da costa brasileira, e quando uma força cega e obstinada ameaçava o mundo na arrancada ignóbil, alevantamos uma voz de patriotismo, alteamos uma bandeira de luta, formamos uma força coesa pelo sentimento e pelo ideal.

Ninguém foi mais autêntico nos campos de luta, onde tudo era adverso; ninguém sentiu tanto os primeiros embates, nem suportou com tanta pertinácia os momentos difíceis.

Ninguém se arrependeu. Pairou sobre todos a força que imanta a solidariedade, que nivela a dignidade, que suporta as perdas irreparáveis: a força do dever pela nobre causa.

Os passos, através de CAMAIORE, MONTE PRANO, MONTE CASTELLO, MONTESE, CASTELNUOVO, COLLECHIO e FORNOVO marcaram a presença de brasileiros em apoio às outras nações democráticas.

O sangue derramado consagrou a pujança e o denodo de mentes voltadas ao sacrifício da luta no dever sublime da defesa da Pátria.

Vitórias foram alcançadas.
Cicatrizes demarcaram heróis.
Mortos caíram distantes do solo pátrio.
Estigmas atingiram mentes.
A missão foi cumprida.

"Verás que um filho teu não foge à luta, nem teme, quem te adora, a própria morte", diz o canto patriótico.

Maj ALBERTO MARTINS DA SILVA

O SARGENTO HERÓI



Sgt. Wolff — Uma hora depois desta fotografia o heróico pracinha tombava sob a metralha inimiga



Patrulheiro em missão

A guerra faz sobressair os heróis. Aqueles cuja coragem, equilíbrio psíquico, ardor e fibra de combatente estão acima do comum.

São, de certa maneira, os "super-homens", capazes de suportar estoicamente as angústias do combate; de cumprir missões quase incumpríveis, de conduzir seus homens pelo exemplo.

Na FEB, o Sargento Max Wolff Filho foi um deles. Sua atuação no comando de patrulhas tornou-se lendária. Era um bravo, na acepção exata do termo. Benquisto por todos, sabia liderar seus homens, inclusive pelo trato e pelos cuidados com que cercava seus comandados. Um líder nato, hoje quase uma lenda, por seus feitos e pela morte gloriosa, em ação.

Seus atos de bravura consciente, tão freqüentes e repetidos, causavam espanto a todos que o conheciam, por virem sempre acompanhados de uma modéstia quase humilde (parecia pedir sempre desculpas por estar se destacando), equilíbrio e serenidade, disciplina e enorme noção do cumprimento do dever, de tal modo que o distinguiam sobremaneira de seus pares e demais companheiros.

Como voluntário, desincumbiu-se das mais árduas tarefas e comandou muitas patrulhas nas mais arriscadas missões, sendo, por isso, promovido a 2.° sargento. Seus atos de bravura lhe valeram condecorações brasileiras (Cruz de Guerra, Campanha, Sangue e Combate de 1.ª Classe). Logo no início da nossa campanha foi agraciado pelo próprio General Truscott, então Comandante do V Exército Aliado, com a "Bronze Star Medal".

Sua última missão, às vésperas do combate de Montese, é a que será narrada a seguir.

O combate de Montese iniciaria, como ação principal, a chamada "Ofensiva da Primavera", cujo dia D, previsto para 12-4-44, foi adiada pelo General Truscott devido às condições meteorológicas desfavoráveis ao indispensável apoio da Força Aérea Aliada, o que só se tornou possível na manhã do dia 14. Às vésperas desse combate e em preparo ao mesmo, foram programados diversos reconhecimentos, um dos quais sobre o ponto cotado 747, a SW de Lepore e nas vizinhanças de Riva de Biscia, dois lugarejos também tristemente célebres pelos perigos que ofereciam a uma simples aproximação. Para esse reconhecimento, feito em plena luz do dia, na manhã do fatídico 12 de abril e à frente da sua patrulha de bravos, partiu o Sargento Wolff, com a missão de verificar se o inimigo já se retirara desse setor, nas proximidades de Montese, conforme informações colhidas pelo IV Corpo do V Exército, do qual fazia parte a FEB; em caso negativo, contatar com esse inimigo, provocando-o a fim de obrigá-lo a se revelar em efetivo e em potencial de fogo. A partida da patrulha se deu por volta das 10h30min de uma radiosa e ensolarada manhã, que contrastava com a desagradável sensação de sombrios presságios.

Foi assim que, algumas horas depois, cerca de 13h 15min, seu destemido comandante aproximou-se de Maserno, localidade vizinha à Cota 747, objetivo principal a ser alcançado. Num estreito corredor de minas, que começava a uns 15 metros do reduto inimigo que procurava surpreender, foi o Sargento Wolff ferido pela explosão de uma dessas minas e, logo após, quando embora já ferido se preparava para atirar uma granada de mão a fim de desalojar os alemães da casa em que se abrigavam, foi, pela segunda vez, atingido mortalmente no abdome, por uma rajada de "lurdinha" (metralhadora), disparada de uma janela do 1.° andar da casa, tombando definitivamente. O cuidado que ele tivera, como sempre, antes de avançar sozinho alguns metros mais ao encontro do seu fatal destino, de ordenar aos seus comandados que se aferrassem ao terreno procurando permanecer abrigados, salvou-os da mesma sorte, posto que, vendo-o tombar gravemente ferido, quisessem todos socorrê-lo; a enérgica ação do Sargento Nilton José Facion, Subcomandante da patrulha, impediu-os de se atirarem inadvertidamente ao encontro de um risco certo. Mesmo assim, o Soldado João Estevam da Silva, na tentativa que fez de resgatar seu comandante, caiu também mortalmente — e, logo depois, foi ferido o próprio Sargento Facion.

A incrudescência dos combates na ocasião impediu que fosse feito o resgate dos corpos, conseguindo entretanto os remanescentes da patrulha retrairem para as linhas aliadas, com auxílio do pessoal do Serviço de Saúde.

Somente muitos dias passados, bem depois da tomada de Montese e conseqüente progressão das nossas tropas em direção ao histórico Vale do Rio Pó, foi possível encontrar os corpos dos dois verdadeiros heróis, que deram suas vidas pela Pátria.

O Sargento Wolff foi promovido a 2.° Tenente "post-mortem".

A ele, como aos demais que morreram e aos que voltaram com vida, a nossa saudade e a nossa eterna gratidão!



Sentinela da Liberdade



Marchando para a vitória



FORÇA EXP
BRAS
MARCO GRANDIOSO







A 2 de julho de 1944 levantou ferros, no Porto do Rio de Janeiro, o primeiro navio-transporte, com cerca de 5.000 homens. Oficiais e praças constituíam o 1.º Escalão da Força Expedicionária Brasileira, que, nos campos de batalha da Europa, haveriam de empenhar-se na guerra contra o nazi-fascismo. Era a resposta honrosa cabível ao torpedeamento de 31 navios de nossa bandeira, com o sacrifício de 971 náufragos, mortos ou desaparecidos.

Outros contingentes se sucederiam, aportando todos em Nápoles, na Itália ensangüentada, totalizando 25.445 brasileiros de todos os quadrantes da Pátria.

A gloriosa Marinha de Guerra do Brasil, com cuidadoso e eficiente trabalho de escolta, assegurou a travessia do Atlântico e a navegação pelo Mediterrâneo, dos sucessivos comboios. Numerosos alarmes anunciaram na rota a presença de aviões e submarinos inimigos, que não ousaram impedir as viagens.

Para os comandados do Marechal Mascarenhas de Moraes as operações tiveram início a 16 de setembro, com a entrada em linha do 6.º Regimento de Infantaria, procedente de Caçapava, São Paulo. A Artilharia brasileira o apoiava e o Esquadrão de Cavalaria Mecanizado estava presente. Nesta primeira arrancada pelo Vale do Serchio, desde logo sagraram-se vitoriosos em Camaiore e Monte Prano.

A 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária, já então completa, haveria de iniciar no Vale do Reno, ao Norte de Pistóia, na subida dos Apeninos, a escalada de seus sacrifícios.

As vicissitudes da guerra somar-se-iam as dificuldades do período das chuvas e da lama grossa, antecedendo o frio com a neve desconhecida e a temperatura em declínio até 18 graus abaixo de zero.

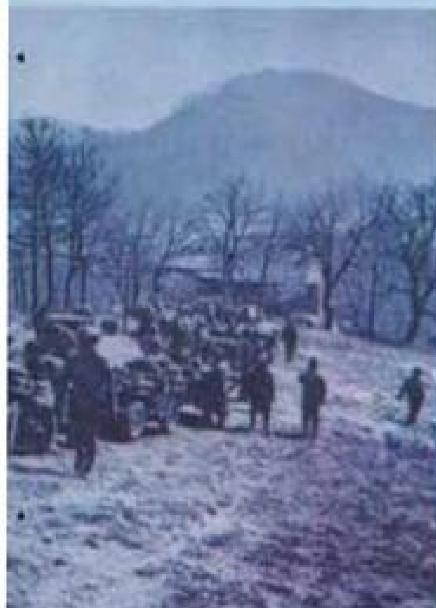
Com a ofensiva da primavera, a FEB ressurgia com sua têmpera guerreira renovada a custo dos sofrimentos vividos nas dificuldades ainda não vencidas e com a experiência adquirida nas patrulhas e nos golpes-de-mão, daquela fase gelada em que a neve, aqui e ali, era tingida pelo sangue brasileiro.

A batalha de Monte Castello, iniciada em manhã radiosa, era espetáculo grandioso e dramático em que a Força Aérea Brasileira presente horrorizava os defensores do baluarte inimigo, com fogo traçante de suas metralhas e a explosão sinistra das bombas que despejava. As 4 horas da tarde a luta prosseguia; eis que poderosos fogos de Artilharia marcam o início da arrancada final e, no crepúsculo vespertino do dia 21 de fevereiro de 1945, com a Infantaria dominando a crista, estava finalmente conquistada a vitória de Castello. A 23, La Serra era outra vitória e, com a de Castelnuovo, a 5 de março, caracterizou-se o rompimento da Linha Gótica.

Nova arremetida em abril. Montese seria a mais gloriosa e sangrenta batalha. Com mais esta vitória e logo a seguir a do Zocca, o inimigo, definitivamente desalojado, recua dos Apeninos. A Engenharia, que, com denodo, vencera as armadilhas e os campos minados, recebe, daquela feita, a difícil missão de apoiar os deslocamentos. Tem início nova fase de grande movimento para o Vale do Pó. O contato é restabelecido em Collechio e ali o Esquadrão de Cavalaria Mecanizado corta a retirada da vanguarda de uma Divisão alemã. O Cmt da FEB, pessoalmen-

EDICIONÁRIA
ILEIRA
DA NOSSA HISTÓRIA









te, acorre com o 2.° Btl do 11.° RI e trava-se o combate. 600 alemães desde logo são feitos prisioneiros. A ação prossegue, o cerco se faz com o 6.° RI em Fornovo, onde, finalmente, 15.000 homens, 4.000 cavalos, 2.000 viaturas diversas e 80 canhões são recolhidos. Eis que a 148.ª Divisão alemã e remanescentes da Divisão de Bersaglieri, Itália, renderam-se às tropas brasileiras.

Envaidecidos, proclamamos sempre o valor do Soldado Brasileiro na Campanha da Itália. Do Norte, do Centro ou do Sul, do litoral ou do interior, lá estava ele, sempre pronto — abnegado, corajoso, dedicado, bravo e patriota — a dar, se necessário, a própria vida em defesa dos ideais de justiça e liberdade.

Jamais vacilou ante as missões, por mais árduas que fossem, apesar do frio inclemente, do terreno hostil, do fogo inimigo; o que importava era sua vontade férrea de vencer e alcançar a paz, ansiosamente desejada.

Hoje, orgulhosos, prestamos justa homenagem aos ex-integrantes da Força Expedicionária Brasileira, que, no cumprimento de tantas missões heróicas, escreveram tão brilhantes páginas de nossa história militar.

Esses bravos constituíram os legítimos representantes de nossa gente no Teatro de Operações da Itália. Em todas as batalhas, ratificaram as tradições de bravura do soldado brasileiro, impuseram-se à admiração e ao respeito dos aliados e grangearam ainda a eterna gratidão de todos os seus compatriotas.

Os feitos que conduziram à vitória os nossos guerreiros sobreviverão eternamente no coração da nacionalidade, como síntese do seu valor pessoal e símbolo da vocação democrática do povo brasileiro.

Seus exemplos de abnegação à causa justa e suas atitudes de desassombro ante momentos desesperadores criaram, em torno de seus nomes, legendas de inestimáveis valores morais e cívicos.

A 8 de maio de 1945, assinava-se, em Berlim, a rendição incondicional dos alemães. Cessavam, à meia-noite daquele dia, as hostilidades no Teatro de Operações europeu e essa data passou a ser considerada o DIA DA VITÓRIA. Reacenderam-se, ali, as esperanças universais de uma paz estável e duradoura, hoje frustradas com a permanência, no cenário internacional, de novas formas de ameaças totalitárias, aplicadas por ideologias estranhas às tradições nacionais, com o uso inclusive do terrorismo cruel e traiçoeiro.

No momento em que essa ameaça procura estender as suas garras sobre a humanidade para o controle físico dos povos e das mentes, nada mais oportuno e precioso que as lições herdadas dos heróis da FEB, quando atravessando o Atlântico, souberam defender a liberdade e os princípios democráticos em terras de além-mar, estando, pois, os brasileiros em condições de garantir em solo pátrio, os mesmos ideais de patriotismo, abnegação, fé no primado da justiça e repúdio às ideologias totalitárias, quaisquer que sejam suas origens ou colorações.

A existência da FEB é legenda que se não apaga; é o eco eloqüente da consciência nacional; é monumento moral dos nossos ideais de povo livre e independente.

O Brasil orgulha-se de sua Força Expedicionária. É assim hoje e sempre o será. Os que constroem para o bem da humanidade podem morrer para a vida, mas vivem para a História.

ONTEM E HOJE

Monsenhor ALBERTO DA COSTA REIS

Dia da Vitória — Quantas recordações este dia nos traz! Parece que estou a ver aquelas paisagens, cenários de tantas lutas, de tanto heroísmo, de tanta dor, de tanto sofrimento. Parece-me ver, pelas dobras dos caminhos, e roçando os contrafortes dos Apeninos, os nossos companheiros em busca da Linha Gótica, para dali desalojar o inimigo ferrenho. Vejo o meu Grupo, o II de Artilharia, desdobrando as suas Baterias em posições que assegurassem melhor apoio aos ataques do bravo e heróico 6.º Regimento de Infantaria.

Vejo os soldados da nossa brava e heróica Infantaria, desembocando das suas bases de partida e, progredindo através de terrenos íngremes e escorregadios, desbaratar, mais adiante, os núcleos de resistência inimigos.

Vejo-os em Monte San Quirico e Torre Di Nerone; em Galicano e Riola; em Fornacci Di Barga e Garfagnana: Morro Gorgolesco e Montese, atestando, com o seu sacrifício, o heroísmo e a bravura do soldado brasileiro.

Vejo-os, indormidos, investindo sobre Monte Prano e Abetaia, apesar da resistência desesperada do inimigo.

Vejo-os nos primeiros albores da madrugada de 21 de fevereiro, escalando Monte Castello para, depois de encarniçada luta, tomá-lo ao inimigo, quando as sombras da noite já envolviam a terra.

Vejo-os abordando os campos minados, com bravura e heroísmo, para salvar os companheiros feridos.

E se a hora é de recordações, permitam-me vê-los, empoeirados e suarentos, ocupando cidades e vilarejos destruídos totalmente, ou com metade das casas ostentando rasgões enormes, como bocas de quem tivesse morrido vomitando maldições...

Eis por onde vagueia a nossa imaginação, neste dia, quando comemoramos o Dia da Vitória.

O tributo à Pátria foi grande. Grandes, também, foram os feitos dos nossos irmãos da Marinha do Brasil. Desperta a madrugada, ei-los, mar afora, enfrentando as ondas bravias, e o traiçoeiro inimigo que se escondia por sob as águas, mas levando a bom termo, os navios da nossa brava Marinha Mercante.

Unidos na mesma luta tínhamos ao nosso lado os bravos irmãos da Força Aérea Brasileira que, nos céus da Itália, escreveram páginas épicas para a história da Aviação Militar do Brasil.

E, se a hora é de recordações, não é menos verdade que deva sê-lo, também, de meditação.

Debruço-me sobre os cumes agudos dos Alpes da Apuânia, de onde tenho uma visão impressionante de uma paisagem selvática, com os seus vales esgueirando-se através de soturnos alcantis. E dali, com respeito e a unção de quem viveu aqueles dias já longínquos, é-me dado contemplar os meus soldados desdobrando e torneando posições, para depois tomá-las ao inimigo... Ouvir, aqui e ali, as explosões



Cemitério de Pistóia — Itália. Ali repousaram os heróis brasileiros



Frei Orlando, o capelão expedicionário, símbolo do Serviço de Assistência Religiosa

se sucederem ferindo homens já feridos, ou arrebentarem sobre corpos já sem vida... Penetro os hospitais de sangue, e o faço com o respeito de quem pisa um lugar sagrado... Ali estão eles, pagando o tributo de fidelidade e amor à Pátria. Em Pistóia, vejo-os na pessoa do Frei Orlando, o Capelão que foi à guerra para desempenhar esse trabalho que se processa quase em segredo, no misterioso recesso das almas.

Eis, portanto, por onde vagueia a nossa imaginação, neste dia, nesta hora, quando comemoramos o Dia da Vitória. Que o sacrifício dos meus irmãos, dos nossos irmãos, leve-nos a uma tomada de consciência. Eles lutaram, eles se mutilaram, eles morreram para que, no mundo, sobrevivessem as liberdades. E estas liberdades se vêem de novo ameaçadas. Não mais pela tirania nazi-fascista, mas por uma outra tirania, a comunista, que por todos os meios, os mais abjetos, procura destruir o legado precioso pelo qual lutaram e morreram os nossos irmãos.

Chegam-nos, aos ouvidos, as suas vozes para dizer-nos: lutamos e morremos para que sobrevivessem as liberdades. Terá sido em vão o nosso sacrifício?...

Ontem, eram os nazistas que calcavam aos pés os princípios mais comezinhos de liberdade: hoje, são os comunistas que esmagam, sem nenhum escrúpulo, a estrutura jurídica, a ordem social e a ordem moral dos países que se sobrepõem à tirania da sua ditadura.

Ontem, eram os nazistas que exaltavam o mito da raça e do sangue: hoje, são os comunistas que assoalham a destruição da família, visando, pelos meios mais bastardos, romper esse elo de base natural, de finalidade racional e de espírito sobrenatural que liga o passado ao futuro.

Ontem, eram os nazistas que chegavam aos requintes do amoralismo para objetivar, através do arianismo, o advento de uma raça pura: hoje são os comunistas que investem, solerte e sorrateiramente, contra a Família que é a instituição básica da sociedade e do Estado e, como tal, tem o direito à proteção desse mesmo Estado.

Ontem eram os nazistas que sobrepunham o direito da força à força do direito; hoje, são os comunistas que esmagam e aniquilam os anseios de liberdade daqueles que não quiseram se submeter à sua pseudoteoria política, emanada do ódio, da mentira e da vingança. E outra vez, ouviríamos as vozes dos nossos irmãos e companheiros, perguntando-nos: "foi por isto, e para isto que nós morremos?" Não! Não foi em vão o sacrifício que fizeram da própria vida, se soubermos nós ser fiéis à sua memória!

Aos nossos companheiros que tombaram no cumprimento do dever, o nosso profundo reconhecimento, e a gratidão da Pátria brasileira.

Nota da Redação: O Monsenhor Alberto da Costa Reis foi integrante da FEB e é atualmente Coronel Chefe do Serviço de Assistência Religiosa do Exército.

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Letra de GUILHERME DE ALMEIDA
Música de SPARTACO ROSSI

I

Você sabe de onde eu venho?
Venho do morro, do engenho,
Das selvas, dos cafezais,
Da boa terra do coco,
Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais.
Venho das praias sedosas,
Das montanhas alterosas,
Do pampa, do seringal,
Das margens crespas dos rios,
Dos verdes mares bravios
Da minha terra natal.

(Estribilho)

Por mais terras que eu percorra,
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que leve por divisa
Esse "V" que simboliza
A Vitória que virá:
Nossa Vitória final,
Que é a mira do meu fuzil,
A ração do meu bornal,
A água do meu cantil,
As asas do meu ideal,
A glória do meu Brasil.

II

Eu venho da minha terra,
Da casa branca da serra
E do luar do meu sertão;
Venho da minha Maria
Cujo nome principia
Na palma da minha mão,
Braços mornos de Moema,
Lábios de mel de Iracema
Estendidos pr'a mim.
Ó minha terra querida
Da Senhora Aparecida
E do Senhor do Bonfim!

(Estribilho)

Por mais terras... etc.

III

Você sabe de onde eu venho?
É de uma Pátria que eu tenho
No bojo do meu violão;
Que de viver em meu peito
Foi até tomando jeito
De um enorme coração.
Deixei lá atrás meu terreiro,
Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá,
Minha casa pequenina
Lá no alto da colina,
Onde canta o sabiá.

(Estribilho)

Por mais terras... etc.

IV

Venho do além desse monte
Que ainda azula o horizonte,
Onde o nosso amor nasceu;
Do rancho que tinha ao lado
Um coqueiro que, coitado,
De saudade já morreu.
Venho do verde mais belo,
Do mais dourado amarelo,
Do azul mais cheio de luz,
Cheio de estrelas prateadas
Que se ajoelham deslumbradas,
Fazendo o sinal da cruz!

(Estribilho)

Por mais terras... etc.









VITÓRIA

Amador Cysneiros

Se existe algo do que possa me orgulhar, em toda a minha existência que já vai por quase meio século, é, sem dúvida, o ter pertencido à Força Expedicionária Brasileira, num período em que à nossa retaguarda se entocaiavam os quinta-colunas, de alcatéia, em todos os pontos do Atlântico.

Infelizmente as contingências não permitiram que eu visse o nosso pavilhão auri-verde tremular garboso e solene pelas ruas de Milão, como o vi desfraldado nas planícies de San Rossore, afagado pela fria brisa de outono, nos arredores de Pistóia ou sob os flocos de neve de Bagni di Porretta, lindo, garboso, cintilante, com aquelas cores que tão bem refletem a abundância e a prosperidade da nossa terra e de onde o vermelho sanguíneo se exclui, talvez porque, até aqui, as nossas lutas se tenham processado escudadas mais na razão do que na própria força. Por isso, talvez, não haja na nossa bandeira, a única no mundo, o traço sanguíneo de nossas lutas, porque o sangue que vertemos é generoso e bom, porquanto sempre é empenhado em causas nobres e humanas e nunca se diluiu no ódio que divide as raças, que separa as nações, que inimiza os povos.



Eles embarcaram para terras distantes...

Hoje, numa trincheira jornalística em campo de luta diverso, a inspiração me vem sob a imaginação do que será o espetáculo de amanhã, vendo o Brasil cada vez mais respeitado, mais forte, mais unido, mais pujante, entre suas co-irmãs, nações democráticas do mundo inteiro. E meus olhos, meus pensamentos, se voltam para aqueles pracinhas que vi tiritando de frio, gastando suas reservas de calorias, nos picos gélicos dos Apeninos e que tudo fizeram como bons brasileiros, para erguerem bem alto o nome de nossa Pátria, revelando ao mundo inteiro o estoicismo de que são capazes, num clima áspero, rude e traiçoeiro, provocando a admiração universal, pelos seus feitos valorosos, considerados "loucos", pelos norte-americanos, tal a sua bravura, e profundamente humanos, pelos seus mais ferrenhos e fanáticos inimigos, tal a sua educação.



Combateram com bravura...

Como gostaria de vê-los desfilando pelo Duomo de Milão, ostentando em seu acervo de vitórias, em tão poucos meses de luta, o aprisionamento de divisões nazistas inteiras, uma soma incontável de material de guerra, uma seqüência sem fim de triunfos conquistados em Vada, em Chiesa, em Galicano, em Castelnuovo, em Monte Castello e por outros lugares, onde o nome do Brasil ficará esculpido eternamente, porque os próprios italianos se encarregarão de perpetuar-lhe a existência, agradecidos, por ali termos ido libertá-los das garras aduncas do nazismo que os espoliou, os humilhou e os trucidou!



Muitos não voltaram a rever o céu natal...

E se o meu pensamento está voltado para os que nesta hora, cantam a vitória tão ansiosamente esperada, no solo da Itália, não quero esquecer daqueles que por lá ficaram nos pequeninos cemitérios de Vada e de Pistóia, onde modestas cruzes e nomes tão vulgares farão com que, amanhã o Brasil inteiro se curve ante eles, esses heróis anônimos que construíram a Vitória a troco da própria vida para que nós pudéssemos gozar os dias melhores do amanhã, sob o pálio da Paz, da Justiça e da Liberdade. Para eles o meu suspiro contrito, pois os vi, muitos deles, lado a lado, afrontar os mesmos perigos e os mesmos percalços, quando partíamos para o ignoto, singrando as águas de três mares, percorrendo a mesma rota de Anita Garibaldi, para desfraldarmos a mesma bandeira da Libertação da Itália!

A Pátria encerrá-los-á no Panteon da nossa história!



Ainda hoje vibram os ex-combatentes da FEB...

Hoje, o sangue dos meus irmãos não mais escorre pelo chão de Itália. Não mais fertilizarão os vinhedos da Toscana, nem tingirão de rubro os picos nevados da Emília, pois que o inimigo atroz entregou-se vencido e capitulado. Peço a Deus somente que esse tributo tão grande prestado por nós, pela libertação da Itália, seja eternamente compreendido por esse povo bom que aqui tão bem conhecemos e que lá nos receberam de braços abertos, almas irmãs que somos, aladas para a Paz e para a Comunhão Universal.

A vós, meus pracinhas, meus irmãos, o meu eterno reconhecimento!

N.R.: Amador Cysneiros participou da Campanha da FEB na Itália, tendo sido o correspondente do jornal "O Estado de São Paulo". Como escritor e jornalista publicou inúmeros trabalhos, inclusive o livro "Expedicionários na Itália" de onde foi extraído o presente artigo.